

17-06-2024

**Picadeiro Verde****Weigma Michely da Silva**

[Professora na rede estadual do Tocantins. Integrante do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Em anos eleitorais, o cenário eleitoral no Brasil transforma-se em um verdadeiro circo, a cada ato a plateia é surpreendida por um espetáculo repetitivo de desrespeito e falta de integridade. Desde criança, lembro-me de minha mãe dizendo: "Se não mudarem a estrutura do picadeiro, não adianta trocar os palhaços". Hoje, vejo essa metáfora como uma representação fiel da nossa política BRASILEIRA, a mesma lona cobre um palco onde regras, pessoas e vidas são ignoradas, um picadeiro que devasta a vida humana de forma irresponsável.

Hoje, uma nova encenação toma o palco: **a caminhada verde** - pessoas se vestem de verde, proclamando um compromisso com a ecologia, contudo, no Brasil atual, essa cor foi sequestrada pelo **agronegócio**, a cor que deveria simbolizar a biodiversidade é reduzida a uma bandeira unicolor de um partido político, se esquecem que a natureza é um caleidoscópio de cores, rica em diversidade e pluralidade, respeitosa e inclusiva, vestir-se de verde como um símbolo de defesa ambiental? Quanta ironia. Torna-se indefensável. Enquanto isso, **Flávio Bolsonaro é relator da PEC 39/2023** para a privatização das praias. Curiosamente, é Luana Piovani quem eleva o debate nas redes sociais, fazendo o que os congressistas de oposição à **extrema-direita** não conseguiram: tornar o tema popular.

As implicações desta **PEC** são devastadoras, especialmente para as populações de menor poder aquisitivo, a privatização das praias significaria a restrição do acesso a áreas de lazer e descanso que historicamente sempre foram públicas, aumentando ainda mais a desigualdade social e segregando espaços naturais. Paralelamente, o país testemunha tragédias ambientais, há poucas semanas, vimos a morte de vários brasileiros em decorrência da devastação ambiental. Já no Tocantins, Cícero Rodrigues Limas, líder comunitário do Partido dos Trabalhadores, foi brutalmente assassinado, figura emblemática na sua comunidade rural, Cícero é extraído da esposa e filhos, choca quem conhece a história e suscita questões sobre a violência política endêmica. E daí, retorno para a **CAMINHADA VERDE**: o que será da esquerda em um país que insiste em roubar o direito à defesa da vida humana? O que será de um país onde a esquerda se alia de forma enviesada à extrema direita? Nesse âmbito, Padre Josimo Moraes Tavares, mártir da luta pela reforma agrária, disse uma vez: "Enquanto houver injustiça, haverá resistência. E a resistência não teme a morte, pois é pela vida que lutamos", suas palavras resvalam forte ao lembrarmos dos líderes comunitários que enfrentam a violência orquestrada pela extrema-direita, que se alimenta do ódio e do medo – este foi assassinado em 1986, mais uma vítima da brutalidade que ainda permeia nosso país. Essa contradição se torna ainda mais contundente com a presença de sujeitos do **agronegócio** na **CAMINHADA VERDE**, fardados com seus uniformes que mais parece um exército, marcham em defesa da ecologia, mesmo sendo responsáveis por grande parte da destruição ambiental. A aliança entre esses poderosos e dissidentes esquerdistas revela um paradoxo fundamental: a suposta esquerda, que deveria lutar por justiça social e ambiental, frequentemente se mostra complacente, priorizando a influência dos seus sobre uma mudança pragmática. Concordamos com Aníbal Quijano, na obra *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* (2005), sobre uma perspectiva essencial, a de que a colonialidade do poder se desvela mediante a relação entre a dominação social e a exploração econômica, o que nos leva a uma contínua marginalização das populações latino-americanas. ....

Estas palavras nos fazem refletir sobre como as estruturas de poder herdadas do colonialismo ainda moldam a política e nossas vidas, a predominância do **agronegócio** e a complacência por parte da esquerda refletem esta colonialidade persistente. Vale lembrar as amargas ações durante a Guerrilha do Araguaia que ecoam vividamente: jovens idealistas, brutalmente perseguidos e mortos pela ditadura militar, como testemunho da violência que a extrema-direita usa para manter o controle. Esse capítulo "sombrio"(?) de nossa história lembra-nos da crueldade e desrespeito à vida humana.

A Guerrilha do Araguaia (1972-1975), ocorrida no sudeste do Pará, foi um dos conflitos políticos mais marcantes de enfrentamento à ditadura civil-militar brasileira, organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

A guerrilha foi um dos poucos movimentos de resistência armada no campo durante esse período. A ação guerrilheira, apesar de reprimida violentamente pelo Estado, deixou um legado significativo na busca por justiça, memória e verdade, nosso espaço de fala. Mesmo após o fim do conflito, a violência do Estado continua a afetar a região e a população local, a repressão militar durante e após a guerrilha resulta em graves violações de direitos humanos, incluindo prisões arbitrárias, torturas e desaparecimentos forçados, a luta das famílias dos desaparecidos por respostas e reparações continua até hoje, enfrentando limitações e desafios impostos pela justiça de transição no Brasil.

.....

Minhas palavras se justificam pelas memórias, ao ter crescido em uma comunidade marcada pelos conflitos da Guerrilha do Araguaia, presenciei as cicatrizes deixadas pela violência do Estado e pela luta constante por justiça.

O Pe. Josimo, nosso vizinho e líder comunitário, era um exemplo vivo da resistência contra a opressão, sua dedicação à reforma agrária e coragem diante das ameaças me ensinaram o verdadeiro significado de lutar pela justiça social e ambiental. A hipocrisia surge na caminhada verde com a presença daqueles que destroem o meio ambiente e, agora, se vestem de defensores da ecologia. É uma afronta ao legado de líderes como Pe. Josimo, que não temia a morte, pois sua luta era pela vida e pela dignidade das pessoas. A violência que este enfrentou e a brutalidade de sua morte em 1986 são lembretes dolorosos de que a luta por justiça continua e que a verdadeira mudança exige mais do que aparências. Crescer ao lado de alguém tão dedicado à causa me deu uma perspectiva única sobre as contradições e injustiças do nosso sistema político, a memória de Josimo e de tantos outros que sacrificaram suas vidas não pode ser traída por alianças convenientes ou por uma política de fachada. A verdadeira transformação só ocorrerá quando enfrentarmos as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a destruição. A aliança da esquerda com a extrema direita trai os princípios e compromete a credibilidade, é imperativo uma política de esquerda que recupere sua autenticidade, comprometendo-se com projetos de inclusão, respeito e preservação, precisamos de uma política que reflita a verdadeira diversidade da natureza e da humanidade, uma política multicolor.

.....

**A mudança começa quando mudamos o picadeiro, não apenas os palhaços, até lá, a hipocrisia "ver/de/gonhosa" continuará a pintar o circo: enquanto lutamos por políticas que realmente façam jus à diversidade e ao respeito que a natureza e as pessoas merecem, assistimos deliberadamente aos palhaços no picadeiro.**

**Culpa eu/nós/eles?**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*